

Ciências Biológicas: mais mulheres, menos preconceito?

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar se ocorre, e como se manifesta, o preconceito de gênero na experiência pessoal e profissional das mulheres que trabalham e trabalharam com pesquisa na área das Ciências Biológicas, considerando características como etnia, geração, orientação sexual e padrão de beleza. A metodologia deu-se, primeiramente, através de uma revisão teórica acerca do campo de pesquisa de mulheres na ciência e gênero, com foco posterior na área das Ciências Biológicas sob o enfoque de gênero. Após, houve a seleção de pesquisadoras, que atendiam aos requisitos deste trabalho, onde foi aplicada a técnica da entrevista semiestruturada, de caráter qualitativa, com um roteiro de perguntas pré-elaborado sobre a problemática abordada. O recorte da pesquisa deu-se, especificamente, através das pesquisadoras das Ciências Biológicas que atuam na região litorânea do Estado do Paraná, onde localizam-se sete municípios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná; região que possui características propícias para a realização de pesquisas de campo nessa área devido a sua rica diversidade de fauna e flora. Nesta região, também, encontram-se quatro instituições públicas de Ensino Superior e Técnico-Profissional que dão suporte e possibilidades para os/as docentes, discentes e/ou profissionais de executarem suas respectivas pesquisas, além da existência de pesquisadores vinculados a outras instituições de ensino do Estado que desenvolvem pesquisas no litoral. Os resultados obtidos confirmaram a manifestação de um preconceito de gênero sutil, contido, disfarçado com tom de “brincadeiras”, denunciaram os casos de assédio e uma resistência masculina em relação ao sucesso feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências Biológicas. Região litorânea do Estado do Paraná. Mulheres na biologia.

Miriã dos Santos
miriadossantos1998@gmail.com
UFPR - Universidade Federal do Paraná,
Curitiba, Paraná, Brasil

Cíntia de Souza Batista Tortato
cintia.tortato@ifpr.edu.br
IFPR - Instituto Federal do Paraná,
Paranaguá, Paraná, Brasil

INTRODUÇÃO

Os/as cientistas sempre foram, e são vistos com um olhar de admiração, pesquisadores/as com um longo currículo acadêmico, prêmios Nobel e anos de dedicação para com algo que acreditam. E, na maioria das vezes, quando se imagina um quadro de cientistas, não é incomum logo se pensar em homens brancos de meia idade. Sabe-se que esse senso comum é uma consequência histórica, pois o reconhecimento das mulheres na ciência deu-se muito depois dos homens e mais tempo ainda o reconhecimento das mulheres negras no meio científico.

O feminismo trouxe o debate da presença das mulheres na ciência, o que fez que, com o tempo, diversas pesquisas fossem realizadas a fim de explicar o porquê da pouca presença feminina em determinadas áreas. Entretanto, a maioria dessas pesquisas concentram-se nas, popularmente chamadas, ciências duras¹ onde encontram-se a matemática e as engenharias, por exemplo; essa concentração fez com que pesquisas nas demais áreas fossem menos frequentes, ou seja, ao mesmo tempo que o debate existe, ele não possui um mesmo enfoque. A justificativa para o amplo estudo que é realizado nas ciências duras se dá ao fato do baixo índice de mulheres matriculadas e formadas na mesma; além de um pensamento arcaico que persiste em nossa sociedade de que o papel feminino está relacionado somente ao lar, a educação e ao cuidado, enquanto aos homens são destinados o espaço público e todas as suas possibilidades. E, seguindo essa linha de pensamento, homens e mulheres seriam levados a escolher, mesmo que de forma indireta, cursos e áreas que se encaixassem nos papéis de gênero.

De acordo com pesquisas do Centro de Estudos Políticos e Sociais (CEPES), (2014), o percentual de mulheres matriculadas nas Universidades Federais era de 52,37%, sendo que os maiores fluxos de matrículas giravam em torno dos cursos das Ciências da Saúde, Linguística, Letras, Artes, Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas; enquanto nas Ciências Agrárias o percentual de homens e mulheres matriculados se mantinha, praticamente, o mesmo. Isso indiretamente reforça o senso comum de que as mulheres não sofrem preconceito de gênero nessas áreas, pois elas estão onde “dominam”. Entretanto, na prática e na convivência, essa realidade pode ser diferente.

O enfoque desta pesquisa foi a área das Ciências Biológicas, mais especificamente: as pesquisadoras de campo das Ciências Biológicas da região litorânea do Estado do Paraná onde se localizam sete municípios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná. As Ciências Biológicas são pouco mencionadas quando o assunto é preconceito de gênero, mas possuem relação direta com questões que o feminismo problematiza. Questões carregadas de polêmicas e conservadorismo fundamentadas em uma tradição de “descobertas” por parte da ciência.

Na região litorânea do Estado do Paraná encontram-se quatro instituições públicas de ensino que investem e abordam pesquisas na área de Ciências Biológicas com ampla magnitude, sendo elas, o Instituto Federal do Paraná (IFPR), Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Centro de Estudos do Mar (CEM-UFPR) e Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral (UFPR Litoral) que possuem cursos de graduação, pós-graduação e, até, nível médio-técnico, como o IFPR. É importante frisar que não somente pesquisadoras/es dessas instituições realizam

pesquisas no litoral do Estado, pois é comum encontrar pesquisas vinculadas a outras instituições. A quantidade de material científico produzido na região é elevada, visto que a mesma é rica em fauna e flora, ou seja, dois fatores que proporcionam um ambiente propício para as/os pesquisadoras/os da área.

A presença feminina dentro das instituições de ensino da região que produzem e/ou participam de pesquisas é alta e contínua, sendo distribuídas entre estudantes, cargos de docência e laboratório. São pesquisadoras de diversos níveis de formação acadêmica, de técnicas a doutoras, que realizam um trabalho intensivo na busca de dados para as suas pesquisas; que se dividem entre vida pessoal e acadêmica e, como qualquer cientista, precisam provar sua capacidade em relação à academia. Desse modo chegou-se ao problema de pesquisa:

As mulheres que atuam ou atuaram na área de pesquisa nas Ciências Biológicas sofrem ou sofreram algum preconceito de gênero? Para responder essa pergunta, a presente pesquisa definiu como objetivo geral:

Investigar se ocorre, e como se manifesta, o preconceito de gênero na experiência pessoal e profissional das mulheres que trabalham e trabalharam com pesquisa na área das Ciências Biológicas, considerando características como etnia, geração, orientação sexual e padrão de beleza.

E os objetivos específicos definidos foram:

Identificar como se manifesta o preconceito de gênero com relação à questão da maternidade e à vida pessoal das mulheres investigadas;

Identificar como se manifesta o preconceito de gênero na realização do trabalho profissional;

Identificar se as mulheres investigadas passam ou passaram por experiências de assédio sexual e/ou moral.

A necessidade de se discutir preconceito de gênero dentro das Ciências Biológicas se dá pelo fato de existir pouco debate dentro da área. Portanto, uma pesquisa na qual aborda, discute, identifica e analisa os preconceitos que sempre lá existiram, mas que são invisíveis aos olhos da academia, é um pioneirismo.

Os benefícios de se trazer esse debate para as Ciências Biológicas e, principalmente, para a região do Litoral do Estado do Paraná é mostrar um aspecto da atuação das mulheres nessa área que ainda é pouco discutido ou averiguado para, assim, expandir o debate feminista em relação à ciência para as áreas em que as mulheres são maioria, mas que ainda, pelo simples fato de serem mulheres, não recebem o mesmo respeito que os homens.

GÊNERO

Foi durante o século XX que “[...] as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 72, grifos da autora). Sendo que “[...] o termo ‘gênero’ parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p. 72, grifos da autora).

Os estudos feministas passaram a utilizar o termo gênero “[...] para interpretar as relações entre homens e mulheres [e problematizar] [...] a construção sociocultural que justificava a subordinação das mulheres aos homens.” (AGUIAR, 2007, p. 86).

Joan Scott (1995, p. 86) definiu “gênero” em duas partes: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Joan Scott (1995, p. 86), ainda, salienta os conceitos normativos do gênero que estão expressos “[...] nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma posição binária fixa, que afirma de forma categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino”.

PRECONCEITO DE GÊNERO

Entende-se como preconceito de gênero uma distinção, exclusão, discriminação ou restrição baseada nas características do gênero socialmente construídas.

“O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente” (BEAUVOIR, 1970, p. 81).

O preconceito de gênero afeta, principalmente e diretamente, o feminino. As mulheres desde a infância sentem, mesmo que de forma despercebida, as “consequências” de se ter nascido com uma vagina. Os papéis de gênero são induzidos às mesmas, os estereótipos e, agregado a isso, vem as limitações da mulher repassados pela sociedade patriarcal onde espera-se que a mulher se torne um objeto privado e exclusivo de seu companheiro e de seus filhos, e se a mesma opta por não seguir esse caminho, o resultado é a discriminação, ridicularização e, até, exclusão no seu espaço de convívio.

DISCRIMINAÇÃO

Discriminação é um tratamento desigual ou injusto dado a uma pessoa ou a um grupo, baseado em preconceitos que podem envolver questões relacionadas à etnia/raça/cor, religiosidade, aparência, classe social, orientação sexual, etc. As formas de discriminações apresentadas neste item foram selecionadas na premissa de que as mesmas sejam as mais comuns e, também, as mais identificáveis. Vale ressaltar que o enfoque, aqui, é relacionar as formas de discriminações com o gênero feminino, ou seja, mostrar o porquê de as mulheres sofrerem discriminação com maior intensidade.

Como uma forma de discriminação, o padrão de beleza não atinge os homens da mesma maneira que as mulheres; pois a beleza não é algo fundamental para o homem, como afirma Borges (2015, p. 70)

[...] poder e inteligência são considerados, normalmente, atributos eróticos masculinos e beleza e juventude, atributos eróticos

femininos. As virtudes femininas tradicionalmente não estão ligadas ao espírito ou à inteligência, mas à beleza do corpo.

Há necessidade em ser bela e de agradar terceiros esteticamente para ser aceita no meio em que vive, pois “[...] nossa sociedade ocidental segue um modelo feminino específico, da mulher esguia, para a qual acúmulos adiposos são considerados atestado de feiura ou exclusão social” (BORGES, 2015, p. 73).

Na orientação sexual, além de todo preconceito contra as pessoas homossexuais, enquanto a homossexualidade masculina é rejeitada e sinônimo de uma masculinidade frágil, a homossexualidade feminina é vista como fetiche sexual para os homens, reduzindo-as a objetos de desejo. Em relação à heterossexualidade compulsória, esta se sustenta na crença de que é um padrão da natureza e a heteronormatividade faz com que exista uma intensa relação do gênero com a materialidade do corpo (COLLING; NOGUEIRA, 2015).

Leandro Colling e Gilmaro Nogueira (2015, p. 356) afirmam “mesmo que a ‘ciência’ tenha retirado a homossexualidade (e mantido a transexualidade) na lista das doenças, no senso comum as pessoas ainda acreditam que ser normal e sadio é ser heterossexual”.

A classe social está muito relacionada à etnia/raça/cor quando o assunto é discriminação, pois o país possui uma herança histórica de perseguição e escravidão aos negros e indígenas e a miscigenação do Brasil, os pardos, nasceram dos estupros dos brancos para com as negras na época da escravidão. E quando se fala em mulher negra de classe social baixa, além de toda dificuldade de ascensão social que a mesma possui, há o preconceito por ela ser três coisas: a) mulher; b) negra; c) pobre. Pois:

Desde o fim oficial da escravidão no Brasil, em 1888, a situação da mulher negra continua praticamente a mesma. Ela vive as piores condições de vida, e continua vítima da utilização mercantilista do estereótipo da mulher negra como “produto de consumo e exportação”. (TOLEDO, 2005, p. 83-84).

Toledo (2005, p. 84) também afirma que “na ordem inversa da pirâmide social, as mulheres negras têm acima de si todos os demais setores sociais. Vem abaixo da mulher branca, do homem negro e do homem branco, recebendo em média menos de dois salários mínimos por mês”.

METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo, de acordo com Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009, p. 31), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. A presente pesquisa se propõe a investigar um campo pouco investigado sobre as questões aqui abordadas. Primeiramente, procedeu-se a construção de uma revisão bibliográfica para fundamentar teoricamente o campo de estudo e orientar os rumos da investigação empírica. Sua construção deu-se a partir da seleção específica de artigos, monografias, dissertações, teses, dentre outros; que abordavam assuntos de interesse da pesquisa.

A seleção das pesquisadoras que trabalham ou trabalharam com pesquisa empírica na área das Ciências Biológicas na região litorânea do Estado do Paraná ocorreu através de uma rede de contato estabelecida, onde, procurou-se as mesmas em quatro instituições públicas de ensino superior e técnico. O número de pesquisadoras contatadas foi sete e o contato foi a partir de e-mails, onde as pesquisadoras foram convidadas a participar da pesquisa por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada, também conhecida como entrevista guiada, que, segundo Roberto J. Richardson (1999), é uma técnica de entrevista que consiste na utilização de um roteiro previamente elaborado. Nesta técnica, o/a entrevistador/a possui a liberdade de colocar outras questões que surgem no ato da entrevista sem se desfazer do roteiro que está se utilizando e o/a entrevistado/a pode expressar-se como quiser, guiado pelo/a entrevistador/a. Na entrevista semiestruturada todas as informações contidas nas respostas do/a entrevistado/a são analisadas para, assim, compreender o contexto em que aquele relato está inserido, além de evitar que informações importantes sejam ignoradas pelo/a entrevistador/a. As próprias pesquisadoras também indicavam nomes de possíveis entrevistadas.

Quadro 1: Perfil das entrevistadas. Elaboração própria.

Nome fictício	Vínculo institucional	Idade	Etnia/Raça/Cor	Titulação acadêmica	Situação conjugal	Filhos	Religião
Lívia	UNESPAR	36	Parda	Doutora	Solteira	0	Católica
Ioio	IFPR - aposentada	53	Branca	Doutora	Solteira	0	Agnóstica
Isadora	UTFPR ³	36	Parda	Doutoranda	Casada	1	Nenhuma
Maitê	UNESPAR	31	Branca	Doutora	Casada	1	Espírita
Mileva	UFPR - Litoral	53	Branca	Doutora	Casada	1	Agnóstica
Mara	CEM - UFPR	63	Branca	Doutora	Viúva	1	Luterana
Duna	UNESPAR	42	Branca	Doutora	Casada	2	Católica

Fonte: Dados da pesquisa.

O quadro 1, foi criado a partir das respostas obtidas através da folha de identificação das entrevistadas, para, assim, estabelecer o perfil das mesmas em relação à pesquisa. No mesmo, há os nomes fictícios das sete entrevistadas, seguido pelo vínculo institucional, a idade, a etnia/raça/cor, titulação acadêmica, situação conjugal, filhos e religião de cada uma delas. As idades variam de trinta e um anos à sessenta e três anos; a etnia/raça/cor² que prevalece no quadro é a branca, seguida da parda; com exceção de uma, todas são doutoras; a situação conjugal varia entre solteira e casada com apenas uma viúva; o número de filhos não é maior que dois; e as religiões citadas são a católica, espírita e a luterana, duas entrevistadas se consideram agnósticas. O quadro apresenta um item a menos que a folha de identificação, a orientação sexual, pois todas as entrevistadas revelaram ser heterossexuais.

O roteiro da entrevista foi pré-elaborado com perguntas que apontavam diretamente para problemas específicos como, por exemplo:

- Na sua opinião, como é para as mulheres o trabalho nessa área?
- Na sua área, quem pega os cargos de chefia?
- Você já sofreu ou foi testemunha em algum caso de assédio, tanto moral, físico ou sexual, no seu ambiente de trabalho?
- Já foi alvo de alguma crítica ou brincadeira pelo simples fato de ser mulher?

Essas perguntas possuíam “subperguntas” para serem usadas caso a entrevistada não comentasse sobre algo esperado como por exemplo:

- Qual é o tamanho da presença feminina dentro dessa área?
- Em algum momento você foi alvo de críticas ou conflitos em relação a sua capacidade? Ou presenciou isso com outra mulher?

Foi observado o comportamento de cada entrevistada, ou seja, qual era o tipo de reação que elas demonstravam quando respondiam a perguntas específicas; como, por exemplo, se ao lembrar de algum episódio específico elas chegavam a expressar nervosismo, tristeza, raiva, angústia, ressentimento, dentre outros.

O fechamento da metodologia seguiu-se com a análise de resultados, onde comparava-os com a teoria obtida na fundamentação teórica para, assim, constatar se teoria e prática estão relacionadas no recorte feito na presente pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Área específica de pesquisa das entrevistadas

De acordo com as Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), dentro das Ciências Biológicas existem treze subáreas: Biologia Geral, Genética, Botânica, Zoologia, Ecologia, Morfologia, Fisiologia, Bioquímica, Biofísica, Farmacologia, Imunologia, Microbiologia e Parasitologia. Analisou-se, aqui, em relação ao preconceito de gênero, através das entrevistadas, cinco dessas subáreas, sendo elas: a Morfologia, Zoologia, Microbiologia, Botânica e Ecologia assim distribuídas:

Maitê: Zoologia, ecologia, taxonomia de crustáceos;

Maria: Microbiologia – fungos de ambientes caseiros;

Lívia: Biologia celular e citologia;

Mileva: Botânica, arborização e anatomia vegetal;

Isadora: Ecologia, área socioambiental;

Duna: Crustáceos, biologia de camarões, siris e caranguejos;

loiô: Botânica, controle alternativo em plantas e arborização urbana.

O percentual de bolsas, dentro e fora do país, disponibilizadas pelo CNPq para a grande área das Ciências Biológicas, segundo o sexo do bolsista (2014) é de 61%

para as mulheres à 39% para os homens, o que, através desses dados e de um senso comum, poderia se deduzir que em todas as subáreas das Ciências Biológicas as mulheres seriam maioria. Contudo, de acordo com os dados do CNPq (2013), as seis maiores subáreas que não possuem predominância de gênero são a Medicina, Demografia, Medicina Veterinária, Fisiologia, Biologia Geral e Genética, sendo as três últimas subáreas citadas parte das Ciências Biológicas.

O que levou essas mulheres para a pesquisa?

Maria: *“Eu escolhi a microbiologia porque recebi uma bolsa de estudos para a Áustria para fazer uma especialização. [...] acabei optando pelo doutorado [...].”*

Maitê: *“Foram oportunidades que a área científica acadêmica me direcionou. Eu sempre gostei da parte marinha, da biologia marinha em si e de estar na presença do mar.”*

Lívia: *“Tive um professor da graduação da área de citologia que eu gostava muito da forma dele de ensinar [...] acabei me interessando por acompanhar o trabalho dele dentro do laboratório [...] comecei a fazer iniciação científica e nunca mais larguei essa área.”*

Duna: *“A coisa de ser pesquisadora já estava presente quando fui escolher o curso de graduação [...] eu queria descobrir as coisas, mas também queria muito dar aula [...] quando entrei na graduação queria ser professora de ensino médio [...] e as coisas foram mudando completamente [...] comecei a me interessar por estudar animais [...] acabei me apaixonando e sigo investindo nessa área até hoje.”*

Ioio: *“Por conta de grupos de trabalho fui para área de agronomia. Mas não consegui me adaptar naquela agronomia de insumos, fertilizantes e agrotóxicos [...] acabei indo para uma área mais biológica, continuando esse trabalho no doutorado.”*

Mileva: *“Eu fiz biologia e era professora da educação básica [...] com vinte e nove anos fiz um concurso para o CEFET-PR⁴, porque eu tinha um sonho de fazer mestrado e doutorado [...] fui direcionada para dar aula de botânica para o curso de agronomia e licenciatura em ciências [...] eu digo que a área de pesquisa da botânica me escolheu.”*

Isadora: *“[...] durante o TCC da graduação e no mestrado*

trabalhei com ecologia aplicada, numa área de ecotoxicologia [...] a ideia de estudar os impactos de atividades humanas em ambientes naturais, vindo pela ótica da ecologia.”

A partir dos motivos que levaram essas mulheres à pesquisa, aqui apresentados, pode-se concluir que as mesmas contrariam os estereótipos femininos dados às mulheres em relação à pesquisa. Uma das características que, geralmente, não são atribuídas às mulheres é a curiosidade científica, que nos relatos acima, aparece de forma unânime.

As entrevistadas relataram uma preferência pela pesquisa nas suas áreas e, a partir das oportunidades que tiveram trilharam seus caminhos na construção de suas trajetórias individuais. Entre as oportunidades como bolsas, contato com outros pesquisadores, inserção na docência, os relatos deixaram as iniciativas e interesses pessoais bem marcados em suas escolhas, possibilitando o entendimento de que essas profissionais tiveram condições de assumir os rumos de suas carreiras.

Ser mulher e ser pesquisadora

Maria: *“[...] a mulher não tem só o trabalho dela. Ela tem outras responsabilidades [...] tem a casa, os filhos, a sociedade em que vive, os pais, os irmãos, etc [...] o homem cientista vive para isso e só para isso.”*

A dupla jornada de trabalho é a realidade de diversas mulheres no mundo; uma herança histórica devido ao fato da passagem das mulheres do ambiente familiar, espaço privado, para o mercado de trabalho, espaço público, mas sem a saída ou a divisão das tarefas domésticas e/ou responsabilidades familiares com os homens. Pois, como comenta, Manuel Castells (1999) o homem exerce uma influência sobre a mulher e os filhos, o que, conseqüentemente, torna-o a autoridade máxima do meio familiar. Na questão da conciliação entre carreira e família as entrevistadas relataram:

Isadora: *“A escolha de quando você vai seguir com pesquisa e dentro das linhas mais acadêmicas de pós-graduação ou se você vai ter um filho. Eu acho que isso nem é um objeto muito discutido com um homem, mesmo que ele escolha ter um filho, mesmo que ele pare para fazer uma escolha familiar, por exemplo, acho que isso nem é muito considerado. Agora para a mulher isso é questionado e questionado em voz alta [...] tem a crítica inversa também, como então ficou imersa na pesquisa e não casou, não teve filho [...] tem os dois lados. Já escutei os dois lados.”*

Maitê: *“Eu tive filho depois de terminar o doutorado [...] ele é novinho ainda, bebê [...] então consigo fazer as coisas quando ele está dormindo, ou seja, madrugadas*

trabalhando ou finais de semana. E não vou dizer que é fácil, tranquilo, mas vou levando [...] eu esperei entrar no mercado de trabalho para depois pensar em ter um filho. E quando entrei, decidi esperar mais um pouco, porque ah, é mulher e já vai engravidar [...] Então tem que ir remanejando para poder ter filhos e continuar no mercado de trabalho [...] Já escutei para outra pessoa: ‘o próximo que a gente for contratar tem que ser homem, porque se for mulher vai engravidar.’ ”

Pelo quadro do perfil das entrevistadas pode-se observar que cinco delas possuem filhos, sendo que só uma possui mais do que um, a justificativa para isso, além do que foi comentado acima, se dá pelo fato de que não há uma cobrança da paternidade equivalente a maternidade. Apenas a mulher parece precisar remanejar sua vida pessoal e profissional para a chegada de um filho, enquanto o homem permanece isento dessa preocupação; precisando abdicar de certas coisas para poder dar a atenção que o filho precisa.

Duna: *“[...] a gente tem que gastar uma energia a mais [...] tem que se impor o tempo todo [...] eu vejo que qualquer coisa que, às vezes, está um pouco fora, a crítica já vem com ah, é mulher, tá de TPM [...] a gente escutava muito isso aqui dentro da universidade [...] eu tenho a impressão que quando a mulher passa uma sensação de força, as pessoas começam a ficar com medo [...]”.*

Através da fala da entrevistada Duna, é possível identificar que as mulheres necessitam de estereótipos masculinos para serem aceitas em seu ambiente de trabalho, ou seja, passar uma postura de respeito, de força e se impor são características, normalmente, esperadas de um homem; já da mulher espera-se a passividade e a cega gentileza.

Mileva: *“Eu recebi uma crítica não direta, mas indireta [...] assumi um projeto de arborização na cidade e estabeleci um convênio com a prefeitura [...] o prefeito, na época, resolveu apoiar financeiramente [...] uma quantia pequena, mas que dava para pagar as bolsas dos estudantes, os equipamentos que precisava para fazer o trabalho, sendo que, para mim, não pedi nenhuma remuneração [...]”*

Nota-se que a entrevistada optou por não receber remuneração, seria uma autodesvalorização ou autodefesa? Talvez autodefesa, pois mesmo contribuindo sem receber uma única remuneração, ela foi alvo de críticas duras.

Mileva: *“[...] era só para o projeto poder acontecer. [...] então o presidente da associação dos agrônomos comentou com um amigo meu, que acabou ficando chateado e vindo contar para mim, aquela bióloga manca que não entende nada, se meteu a querer tirar dinheiro da prefeitura [...] aquela bióloga manca [...] foi uma das maiores ofensas. [...] eu sofri muito preconceito*

por ser uma mulher e por estar na frente de um projeto que achavam que devia ser masculino. ”

Analisando esse caso, uma mulher ocupando uma posição de poder mostrou incomodar e ferir o ego de um homem que possuía um cargo importante, usando a deficiência de uma pessoa para tentar desqualificar o trabalho da mesma. Uma resistência masculina em relação a uma liderança feminina, uma situação que não é incomum.

loiô: *“tinha um colega que se ele pudesse, ele me humilhava [...] porque, assim, a forma de falar do alemão é arrastado e ele comentava [...] tive que fazer fonoaudiologia, consultar uma profissional para ver se conseguia falar diferente [...] até que um dia, tinha um outro colega meu que estava presente e acabou chamando a atenção desse colega [...] então eu acho que ele se deu conta [...] mas quando ele tinha a chance de me humilhar, ele humilhava. ” (A entrevistada emocionou-se ao lembrar do ocorrido).*

O preconceito manifestou-se de forma tão grave na situação anterior, que a entrevistada optou por se submeter a consultas de fonoaudiologia para conseguir mudar o seu jeito de falar na esperança da humilhação acabar. Nota-se, também, que o homem em questão só decidiu parar com os comentários quando outro homem lhe chamou a atenção, ou seja, levando em consideração e reconhecendo seu ato desagradável quando um igual se sentiu ofendido.

Maitê: *“Em trabalho de campo, por exemplo, a gente, às vezes, escuta: ah, por ser menina será que ela vai conseguir fazer uma coleta que tem que ficar horas no barco e indo no costão rochoso [...] eu fiz as minhas coletas de costão rochoso, viajei pelo Sul do Brasil inteiro, fiz sozinha as minhas coletas [...] eu nunca me senti como: ah, você não vai conseguir [...] eu sempre me impus, fui e fiz [...] mas já escutei essas questões da parte de coletas [...] piadinhas, essas coisas sempre tem, né, será que por você ser mulher, você vai conseguir? ”*

Há certas descrenças na capacidade das mulheres quando se trata de pesquisa de campo e, novamente, vem a questão de se impor para conseguir mostrar o contrário, ou seja, que a mulher pode, sim, executar um trabalho de campo igual ao homem. É como se, de tanto ouvir esses comentários, elas se vejam em uma situação de precisar provar até para elas mesmas a sua própria capacidade.

Isadora: *“A questão de ir a campo sozinha é uma coisa normal de você escutar comentários [...] pode ir para campo sozinha? dá para dirigir naquela região? dá para andar de barco naquela região? dá para dormir naquela região? não é perigoso para você? [...] acredito que mulheres ouçam isso o tempo todo, independente da sua idade [...] será que se a gente chamar uma mulher para*

fazer tal trabalho em campo, ela vai dar conta? será que ela vai conseguir chegar no que a gente tá esperando dos dados? vai dar conta de ficar tanto tempo longe do filho ou da filha? tanto tempo em campo? [...] são coisas que já ouvi diversas vezes.”

A realidade da violência contra a mulher é algo presente que se baseia na colocação de que se uma mulher estiver sozinha, a mesma pode ser atacada e/ou violentada; o que infelizmente é verdade, pois as mulheres podem ser presas e os homens os predadores (Scott, 1995). De acordo com o senso comum, as mulheres seriam indefesas e estariam a mercê de qualquer perigo, o que faz com que as mulheres estejam em estado de alerta a todo momento.

Duna: *“A gente tem que mostrar serviço desde cedo, ter um porte físico para poder fazer algumas pesquisas de campo [...] quando eu fui para a pesca, não queria me dar espaço. Foi uma coisa conquistada com muito suor [...] eu tinha um orientador que era bem próximo dos pescadores, bem íntimo. Então quando a gente estava com ele, a gente tinha espaço, mas quando não estava era, totalmente, fechado [...] não dava informação, a gente combinava coleta e o pescador não aparecia [...] eu só consegui fazer o trabalho porque tinha um pescador que não era dali, ele era diferente, me tratava igual [...] a mulher dele também me protegia [...] ela começou a me inserir dentro daquela comunidade [...] teve uma vez que eu marquei uma saída de campo, que era o dia inteiro, com um pescador, e ele me deixou [...] quando cheguei no horário do encontro, ele já tinha ido embora. Outra coisa que eu não esqueço é quando fui visitar uma indústria de pesca. Só foi eu chegar e era piadinha para todo lado, o pessoal dando risada [...] e eu me senti mal, me sentia um E.T., parecia que eu estava em um meio, totalmente, diferente [...] parecia que eu estava em um ambiente em que eu não deveria estar, porque eles olhavam para mim e eu sabia que era para mim.”*

Há necessidade do homem em se sentir superior às mulheres, recorrendo ao machismo para poder desqualificar as mesmas. Relacionando com a fala acima, a presença feminina é amplamente atacada na tentativa de fazer a mulher se sentir incomodada e diminuída. E, de novo, a presença de um homem do lado de uma mulher para executar um trabalho parece minimizar os comentários indesejáveis e permitir que o trabalho flua, como se o homem estivesse ali para ajudar a mulher a fazer um trabalho que ela não daria conta sozinha.

O assédio em seus cotidianos

O assédio, tanto moral quanto sexual, está presente no cotidiano de diversas

mulheres. São vários os relatos de situações de assédio presenciadas pelas entrevistadas durante a formação profissional e no dia a dia do trabalho e da pesquisa.

Quanto ao assédio sexual, se a entrevistada não passou por esse constrangimento, facilmente, sabia citar situações com outras colegas, histórias envolvendo professores e alunas e, decorrente disso, o medo de frequentar um mesmo local com o assediador.

Isadora: *“Quando eu era caloura, fazia parte do Centro Acadêmico do curso de Biologia e a gente tinha recebido uma resposta negativa sobre um evento que era bastante comum acontecer [...] em x tempo tinha uma festa lá dentro da biologia [...] e naquele momento, a direção do setor falou que não ia sair a festa por uma questão de segurança. Então a gente tinha que falar isso para o restante do pessoal da biologia [...] e um menino me pegou e me segurou na parede perguntando como a gente não tinha conseguido resolver aquela situação [...] obviamente, ele fez isso porque eu era mulher, porque ele não teria tido uma reação daquela com um cara do tamanho dele, por exemplo [...] ele tava com uma ideia de chamando para a briga [...] e ele sabe que uma mulher, provavelmente, não vá brigar com ele [...] precisou outras pessoas segurarem ele, afastarem ele e tudo mais [...].”*

Na situação relatada, há a exemplificação da violência contra a mulher dentro das universidades, sendo que, mesmo o agressor estando cercado por diversos colegas, o mesmo não relutou em agredir e intimidar a entrevistada.

Isadora: *“No ano em que eu estava no Centro Acadêmico, a gente fez um pedido de fiscalização, por parte da universidade, em relação ao caso de uma menina que foi amarrada, que era uma prática super comum nos trotes [...] quase todos os trotes que eu passei durante a universidade, amarravam calouros [...] fizeram isso com essa menina e um cara beijou ela a força [...] esse menino foi afastado da biologia, mas voltou depois [...] a menina pediu desligamento do curso.”*

A menina foi a vítima e mesmo assim pediu desligamento do curso, enquanto o agressor voltou para poder concluir o curso, ou seja, quem sofreu a maior consequência foi quem não deveria ter sofrido nenhuma e, talvez, o caso tenha caído em esquecimento como tantos outros que ocorrem no mesmo espaço.

Isadora: *“Eu estava fazendo um programa que se chamava Universidade Solidária que eu fiquei dois meses na Amazônia [...] no segundo ano da graduação [...] quando a gente estava lá, o meu projeto era com saneamento [...] e a gente tinha uma reunião com um cara do ICMBio⁵ [...] duas meninas, eu e mais uma colega,*

que era de Direito, estávamos revisando as leis do município sobre saneamento e marcamos essa reunião [...] e ele marcou essa reunião no escritório dele [...] naquele dia choveu muito e ele ligou para a gente se encontrar com ele na recepção de um hotel [...] quando a gente chegou no hotel, ele perguntou se a gente queria ir no quarto dele conversar [...] não aceitamos e fomos embora, porque a gente se ligou [...] e quando remarcamos essa reunião com ele, fomos com um professor e mais um estudante que era homem [...] a reunião foi outra, o jeito de falar foi outro, foi no escritório [...]"

O assédio nessa situação caracteriza-se pelo estereótipo da aluna ingênua que irá aceitar esse tipo de convite e o uso da autoridade do profissional renomado para cometer o assédio, como se o mesmo fosse inatingível e inabalado. E, quando se tem um homem acompanhando as aulas, o profissional se vê na situação de respeito. Mais uma vez, pode-se citar Scott (1995) para falar da mulher presa, o homem predador e as relações de gênero como relações de poder.

Lívia: *"Eu passei por uma situação estranha que não sei se chega a ser assédio, mas eu acho que sim. Uma vez eu fui atrás de um professor para tirar uma dúvida de uma prova que eu tinha feito; entrei na sala dele para falar com ele e ele passou por trás de mim e fechou a porta. Não sei qual era a ideia dele, eu só abri a porta, saí e deixei ele falando sozinho. Não esperei para ver, mas, talvez, pudesse ter tido alguma coisa [...] esse professor tinha fama de ser mulherengo e assediar as alunas [...] assédio moral e sexual; de chamar de linda, gostosa, vamos sair e essas coisas [...] várias alunas relataram [...], mas são casos que sempre são abafados."*

Os casos de assédio são, geralmente, ocultados, principalmente se ocorrem dentro de universidades, para não manchar a imagem da instituição, o que faz com que a situação pela qual as vítimas passaram acabe tornando-se uma banalidade.

Maitê: *"Nunca presenciei pessoalmente, mas a gente escuta histórias."*

Mileva: *"Eu já sofri assédio, tanto de aluno quanto de professor, mas era daqueles assim: você está muito linda [...] aquelas falas bem melosas [...] uma situação de objeto."*

Duna: *"Abraços mais apertados, mais demorados, beijos no rosto aproximados da boca [...] Já vi, homens, professores, doutores, pesquisadores que, às vezes, usam aquilo para dar em cima de alunas [...] para constranger [...] não estão nem aí, é tudo brincadeira, tudo piada [...] Já vi muito, é horrível."*

Ioio: “[...] assédio sexual por colegas de trabalho [...] e não era só eu, era outras colegas também [...] todas as mulheres que conviviam com a pessoa, eram obrigadas a ficarem ouvindo piadinhas [...] ah, que bundinha [...] incomodava muito e você demora um tempo para perceber o que você está sofrendo, para reagir [...] quando você não quer compartilhar um mesmo ambiente com a pessoa, tem medo de ficar sozinha com um colega de trabalho, já é um péssimo sinal [...] então a gente evitava de ficar [...] se tivesse que ficar na sala dos professores com aquele indivíduo, já se sentia muito mal [...] houveram tentativas [...] de passar a mão na bunda, essas coisas.”

Os relatos apresentados evidenciam um grande teor de preconceito. As consequências que são produtos do patriarcado, o preconceito de gênero mascarado de brincadeiras e comentários inocentes, a violência física e o assédio moral e sexual dentro e fora do ambiente de estudo e trabalho, onde mesmo se a presença masculina não for equivalente ou superior a feminina, o preconceito encontra uma maneira de existir, violando o espaço das mulheres, constrangendo-as e tentando prejudicá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área das Ciências Biológicas é feminina; essa é uma afirmação inegável. É uma área em que só nas Instituições Federais, segundo o CEPES (2014), a presença feminina é de 63,02% contra 36,88% da presença masculina. É a área que trabalha com a vida, com o cuidado, aptidões, geralmente, consideradas femininas, ou seja, nenhuma mulher ouve que não possui talento para a biologia. Entretanto, foi possível constatar, através do problema de pesquisa, que as mulheres que trabalham ou trabalharam com pesquisa na área das Ciências Biológicas sofrem ou sofreram algum tipo de preconceito de gênero. E, em consequência disso, deixa-se a pergunta do porque há a presença de um preconceito de gênero tão disfarçado ao ponto de não ser devidamente notado?

Antes de responder essa pergunta, é preciso fazer um recorte de preconceito de gênero em comparação com áreas onde a presença feminina é menor; pois nas áreas das Engenharias e das Ciências Exatas e da Terra, as duas únicas áreas onde os homens são maioria, o preconceito fica mais evidente, pelo simples fato de as mulheres serem minoria. É como se a pouca presença feminina dessas áreas se desse pelo fato de as mesmas não possuírem competência, algo que já foi derrubado. Portanto, a forma de preconceito que se enxerga nas Ciências Biológicas não vai manifestar-se da mesma maneira que nas Engenharias e nas Ciências Exatas e da Terra, pois quanto maior a presença masculina, maior a demonstração do preconceito.

Nas Ciências Biológicas, o preconceito de gênero manifesta-se de maneira diferente, mais contido, em formas de comentários, “brincadeiras” e dúvidas em relação à realização de algumas tarefas. É um preconceito sutil, que nem todas as mulheres são capazes de identificar, pois é tudo tão naturalizado que, muitas

vezes, acaba-se pensando que não há uma necessidade de problematizar essas questões. Afinal, as mulheres são maioria. E é justamente esse entendimento que colabora para o que acontece nas Ciências Biológicas permaneça tácito.

Através do objetivo geral definido pela presente pesquisa foi possível identificar as características que “contribuem” para o tipo de preconceito que cada mulher pode sofrer. O padrão de beleza revelou-se somente no quesito assédio, a questão racial não apareceu com ênfase devido ao fato de que não possuía nenhuma entrevistada negra. Em questão à classe social, nenhuma das entrevistadas disse sofrer algum preconceito em relação a isto. Quanto à orientação sexual, todas as entrevistadas disseram ser heterossexuais, ou seja, nunca sofreram preconceito nesse quesito.

Além dos tipos de assédio, três tipos de preconceitos de gênero destacam-se nessa área:

a) Maternidade: o preconceito, em relação, à maternidade mostra-se através da rejeição do mercado de trabalho às mães, como se a licença maternidade e o laço afetivo entre mãe e filho pudessem prejudicar a empresa/contratante e a vida profissional dessas mulheres.

b) Estereótipos femininos: há uma série de comentários envolvendo estereótipos femininos direcionados à essas mulheres, sendo que esses comentários são feitos de maneira irônica e na forma pejorativa na intenção de ridicularizar e/ou constranger as mesmas. Os exemplos desses estereótipos estão relacionados a estética, ao comportamento, ao sentimento, ao cuidado, dentre outros.

c) Pesquisa de campo: é o tipo de preconceito de gênero que mais está ligado às Ciências Biológicas. Está relacionado com descrenças de que homens e mulheres executariam uma atividade prática da mesma maneira. É evidente a diferença física de ambos os gêneros, sendo os homens possuidores de um tamanho e força física maior; entretanto, esse argumento não se adequa as dúvidas, que foram obtidas nos resultados da pesquisa, direcionadas a capacidade de trabalho de campo das pesquisadoras.

Embora aqui tenha sido abordada apenas a área das Ciências Biológicas, seguindo a mesma análise aqui utilizada, há uma grande chance de se identificar, também, preconceito nas demais áreas onde as mulheres são maioria. Pois antes de serem biólogas, médicas, fisioterapeutas ou qualquer outra profissão, elas ainda são mulheres e o preconceito de gênero é algo presente no cotidiano da vida das mesmas; algo que há tempos, as diversas vertentes do movimento feminista, muito antes até de chamar-se feminista, vem tentando mudar. Ainda mais quando esse preconceito está ligado ao trabalho das mulheres; porque mesmo sendo maioria, havendo igualdade salarial e reconhecimento, esse preconceito ainda se perpetua.

Biological Sciences: more women, less prejudice?

ABSTRACT

This research aimed to investigate if it occurs, and how it manifests itself, gender bias among in the personal and professional experience of women who work and have worked with research in the field of biological sciences, considering characteristics such as ethnicity, age, sexual orientation and standard of beauty. First, a theoretical review was carried out on the field of women in science and gender, with a later emphasis in the area of biological sciences under the gender focus. After that, the selection of researchers, who met the requirements of this work, was applied, where the semi-structured interview technique was applied, with a qualitative approach, with a pre-elaborated questionnaire on the issues addressed here. The research was focused specifically on the researchers of the Biological Sciences of the coastal region of the State of Paraná, where seven municipalities are located: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá and Pontal do Paraná. This region has positive characteristics for conducting field research in this area due to its rich diversity of fauna and flora. In this region, there are also four public institutions of Higher Education and Technical-Vocational Education that provide support and possibilities for teachers, students and / or professionals to carry out their respective research, as well as the existence of researchers linked to other educational institutions of the State that develop research on the coast. The results confirmed the manifestation of a shy, contained gender bias, disguised as a "joking" tone, denouncing cases of harassment and a male resistance to female success.

KEYWORDS: Biological Sciences. Coastal region of the State of Paraná. Women in biology.

Ciencias Biológicas: más mujeres, menos prejuicio?

RESUMEN

La presente pesquisa tuvo como objetivo investigar si ocurre, y como se manifiesta, el prejuicio de género en la experiencia personal y profesional de las mujeres que trabajan y trabajaran con investigación en las Ciencias Biológicas, considerando características como etnia, generación, orientación sexual y padrón de belleza. La metodología se pasó, primeramente, a través de una revisión teórica con respecto al campo de investigación de mujeres en la ciencia y género, con foco posterior en la área de las Ciencias Biológicas sobre enfoque de género. Después, hubo la selección de investigadoras, que atendían a los requisitos de este trabajo, donde fue aplicada la técnica de entrevista semi-estructurada, de carácter cualitativa, con un guión de preguntas pre-elaborado sobre la problemática abordada. El recorte de la pesquisa se dio, específicamente, por intermedio de las investigadoras de las Ciencias Biológicas que actúan en la región litoral del Estado del Paraná, donde se ubican siete municipios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná; región que tiene características propicias para la realización de investigaciones de campo en esa área debido a su rica diversidad de fauna y flora. En esta región, también, se encuentran cuatro instituciones públicas de Educación Superior y Técnico-Profesional que dan soporte y posibilidades para los/las docentes, discentes e/o profesionales de ejecutar sus respectivas investigaciones, no obstante la existencia de investigadores vinculados a otras instituciones de educación superior del Estado que desarrollan investigaciones en el litoral. Los resultados obtenidos confirmaron la manifestación de un prejuicio de género sutil, contenido, disfrazado con tonos de "broma", han denunciado los casos de acoso y una resistencia masculina con respecto al suceso femenino.

PALABRAS CLAVE: Ciencia Biológicas. Región Litoral del Estado del Paraná. Mujeres en la biología.

NOTAS

¹Segundo SCHIEBINGER (2001 apud LIMA E SOUZA, 2002) ciências duras (hard) seriam aquelas que produzem dados firmes; totalmente neutras e imparciais; consideradas tão difíceis que necessitam de uma alta concentração e dedicação.

²Utilizou-se a autoclassificação de acordo com a utilizada pelo IBGE (2008).

³Pesquisadora que desenvolve pesquisa na região litorânea do Estado e que possui vínculo com uma instituição de ensino da capital.

⁴CEFET-PR - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

⁵ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico esse artigo ao meu querido amigo, Daniel Soares, que, recentemente, nos deixou para viver e cuidar espiritualmente de todos nós que o amamos.

Daniel, você é luz e eterno.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcio Mucedula. A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 2007.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. v. 1: Fatos e mitos.

BORGES, Maria de Lourdes. Beleza e gênero. In COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 70-75.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEPES – CENTRO DE PESQUISAS ECONÔMICO-SOCIAIS. *IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras*. Uberlândia: Cepes, 2014.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Áreas do Conhecimento*. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

_____. *Bolsas no país: segundo grande área e sexo do bolsista* (2014). Disponível em: <<http://cnpq.br/documents/10157/adb76b26-3a8a-4478-9605-e7325e9de50e>>. Acesso: 23 nov. 2017.

_____. *Bolsas no exterior: segundo grande área e sexo do bolsista* (2014). Disponível em: <<http://cnpq.br/documents/10157/779bd1ef-61b8-4b15-aec7-b32270af481a>>. Acesso: 23 nov. 2017.

_____. *Número de mulheres cientistas já iguala o de homens*. Disponível em: <http://cnpq.br/noticiasviews/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/905361>. Acesso: 23 nov. 2017.

COLLING, Leandro; NOGUEIRA, Gilmaro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. In COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 353-358.

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Características étnico-raciais da população: Um estudo das categorias de classificação de cor ou raça*, 2008. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

RICHARDSON, Roberto J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2), p. 71-99, 1995.

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. 2.ed. Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

Recebido: 30 abril. 2018.

Aprovado: 06 jul. 2018.

Como citar:

SANTOS, Miriã dos; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Ciências Biológicas: mais mulheres, menos preconceito? *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 11, n. 37, p. 40-59, jan./jun. 2018.

Correspondência:

Miriã dos Santos. Rua João Moreira Garcez, 170, Apartamento 141, Centro, Curitiba, Paraná, Brasil. CEP 80020-200

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

